

KUPFER, D. A base, o topo e o miolo. *Valor Econômico*, Rio de Janeiro, 02/05/2007.

A base, o topo e o miolo

02/05/2007

A recente elevação das tarifas alfandegárias para calçados e têxteis suscitou a habitual avalanche de opiniões favoráveis e contrárias à medida. Mais do que os efeitos imediatos dessa medida sobre a capacidade de resposta desses setores ao aumento do grau de exposição internacional que o atual ciclo de valorização cambial os está submetendo, o que está em questão tem implicações profundas sobre os rumos da indústria brasileira. Com o intuito de explicitá-las, tomo a liberdade de convidar o leitor para um exercício de abstração em que a atividade industrial é organizada em três grandes segmentos: a "base", o "topo" e, entre os dois, o "miolo" da indústria. Cabe esclarecer que essa segmentação nada tem a ver com a noção de cadeias produtivas, outra estilização bastante comum em análises agregadas similares.

A base da indústria congrega as atividades produtoras de commodities, dentre as quais preponderam o agronegócio, a extrativa mineral, a metalurgia e a química básica. São indústrias de processamento contínuo, que elaboram produtos homogêneos em grande tonelagem, geralmente intensivos em recursos naturais e energéticos. Na base estão as empresas mais eficientes da estrutura industrial brasileira, conseqüência dos níveis adequados de integração vertical, escalas técnicas e atualização tecnológica dos processos utilizados. No topo da indústria estão as atividades mais sofisticadas, tanto no plano tecnológico quanto no plano da organização da produção, congregando os setores que introduzem ou difundem o progresso técnico na economia. É formado pela produção de equipamentos mecânicos e eletrônicos e pelos setores de alta tecnologia, assim como pelas indústrias de bens duráveis de consumo (automóveis, eletrônicos) que, por envolverem montagem em massa de produtos altamente diferenciados, requerem um nível de desenvolvimento tecnológico elevado para o seu funcionamento. Entre a base e o topo encontra-se o miolo da indústria. Formado essencialmente pela indústria tradicional, reúne as atividades que têm como identidade a elaboração de produtos de menor conteúdo tecnológico e com poucos requisitos de escala mínima de produção. Essa flexibilidade favorece a variedade empresarial, pois permite a convivência de empresas com diferentes tamanhos, linhas de produtos, capacitações e desempenhos. O miolo da indústria é constituído por um grande número de atividades, parte voltada para a elaboração de insumos e componentes industriais, como produtos de metal, químicos diversos e material elétrico e, parte dedicada a manufatura de bens de consumo, como alimentos, têxtil, calçados e móveis, dentre outros.

Base, topo e miolo da indústria se diferenciam em muitas dimensões relevantes. Uma dessas dimensões é o tipo e a intensidade de fatores de produção utilizados. A base requer recursos naturais, capital farto e barato e excelência em engenharia. O topo necessita de pesquisadores qualificados para as atividades de P&D, além de mecanismos de suporte

ao risco tecnológico e um mínimo de infra-estrutura em ciência e tecnologia. O miolo é intensivo em trabalho e depende de instrumentos que favoreçam o acesso ao capital e a serviços de suporte à produção. Outra dimensão relevante é a inserção internacional. Na base é possível uma inserção exportadora convencional, na qual a empresa vende para o mundo a partir de uma capacidade fabril instalada, geralmente próxima à fonte do recurso natural. No topo, as indústrias desenvolvem mercados regionais ao mesmo tempo em que buscam crescente integração internacional, expressa no cada vez mais intenso comércio intra-industrial. Já no miolo, o alvo é a inserção em cadeias de suprimento internacionais, nacionais ou mesmo locais.

Em suma, base, miolo e topo formam mundos industriais completamente distintos. A capacidade de concorrer em preços é decisiva na base e perde importância no miolo e, principalmente no topo. Simetricamente, a concorrência não-preço, baseada em diferenciação ou inovação, é grande no topo e perde importância no miolo e, principalmente na base. É por essa razão que a indústria brasileira, pouco capacitada para a diferenciação e a inovação, apresenta um hiato de competitividade crescente na medida em que se percorrem os segmentos desde a base até o topo.

A despeito disso, o sucesso na construção e preservação de um miolo extenso, diversificado e recheado por um número não desprezível de empresas de excelência internacional é um traço que notabiliza a formação industrial brasileira. A elevada densidade de relações inter-setoriais que diferencia a indústria brasileira da de outras em países emergentes, que não Coréia do Sul e agora a China, decorre exatamente dessa característica estrutural. De fato, estimativas mostram que o miolo da indústria brasileira abriga cerca de 70% das empresas e cerca de 60% do pessoal ocupado total. Quanto ao valor adicionado, ao longo das décadas de 1980 e 1990, o miolo respondeu por cerca de 40%, ficando a base com outros 40% e o topo com cerca de 20%. A partir do ano 2000, porém, a participação do miolo vem caindo e a da base subindo, sugerindo uma tendência de mudança estrutural na direção de uma especialização em commodities.

Na hipótese de continuidade de um nível geral de proteção efetiva da indústria muito baixo, como ocorre hoje em função da taxa de câmbio valorizada e, também, das distorções tributárias e das deficiências de infra-estrutura, dentre outros elementos geradores do custo Brasil, pode-se esperar um aumento da participação da base e uma correspondente atrofia do miolo e do topo da indústria brasileira. Essa transição estrutural é sabidamente indesejada em vista da limitada capacidade de sustentar a geração de renda e emprego típica dos setores produtores de commodities.

Porém, é interessante questionar o que ocorreria na hipótese oposta, isto é, se a proteção efetiva fosse alterada para níveis muito elevados, seja por meio de uma grande desvalorização, seja por meio de elevação generalizada das barreiras comerciais tarifárias e não-tarifárias. Nessa hipótese, a tendência seria de uma hipertrofia do miolo e uma perda de substância do topo ainda maior, pois para esse segmento a integração internacional é decisiva para a sobrevivência. Sem poder contar com o fluxo de tecnologias oriundos da ponta, o miolo provavelmente voltaria a se defasar em produtividade e modernização, como ocorreu na década de 1980, empurrando a indústria para um novo período de estagnação. Tudo indica que hipóteses intermediárias são bem-vindas